



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O ENSINO TRADICIONAL E O ENSINO PRODUTIVO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTI DO USO DO TEXTO

Mayrla Ferreira da Silva; Flávia Meira dos Santos.

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: mayrlaf.silva2@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: flavinhaasantos20@gmail.com

RESUMO: Nossa pesquisa será embasada na prática do ensino, que pode ser de forma tradicional ou produtiva e assim falaremos especificamente no ensino de Língua Portuguesa. O ensino tradicional tente ao lado pragmático sem alteração, que inibe o aluno em seu modo de pensar onde não é possível refletir seu aprendizado, já o ensino produtivo se baseia em incentivar o aluno a desenvolver o seu aprendizado, mostrando possibilidades de associar seu contexto com o que ele aprende em sala de aula. É partindo destas discussões que explanaremos novas formas de ensino, fazendo com que o aluno aprenda a se desenvolver em sua forma crítica de pensar. Tendo como base os pressupostos citados acima usaremos como embasamento teórico Freire (2005) e Antunes (2003) fazendo o seguinte questionamento: como funciona a forma tradicional de ensino e com podemos mudar tornando-a produtiva? Assim iremos propor novas formas de ensino a partir do uso do texto em sala de aula onde ele quando associado ao contexto do aluno pode se tornar produtivo não só para o aluno, mas também para o professor e a escola em que estes estão inseridos. Com isso remos trazer uma breve explanação do ensino tradicional entendendo como ele funciona, mostrando que sua forma programada de ensino não resulta em muitos resultados positivos, mostrando que o processo de ensino e aprendizado precisa cada vez mais inovado, para que os alunos saiam das salas de aula podendo associar o ensino com o contexto e aprender também com o lugar em que estão.

Palavras-chave: Ensino, Tradicional, Produtivo, Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

A maneira como o ensino de língua portuguesa é praticado na maioria das salas de aula, tende a fazer com que o discente seja visto como um mero receptor de conteúdos, livre de qualquer conhecimento adquirido antes de sua vida escolar, estando ali como uma folha limpa, pronto para ser rabiscado como o docente bem entender. Isso conduz o aluno a não ter o interesse de ir além de um simples decorar de conteúdos, fazendo com que não haja um resultado positivo na aprendizagem. Percebe-se que essa maneira tradicional de ensino precisa ser aos poucos modificada



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

através de novas estratégias, sem deixar esquecer o que se deve se ensinado, mas modificando a maneira de como ele é executado pelo educador. Diante deste quadro pretendemos compreender, em objetivo principal, a maneira como o ensino de Língua Portuguesa é executado em sua maioria e quais são as alternativas para melhorá-lo, discorrendo sobre como acontece a forma tradicional de ensinar e propondo maneiras mais viáveis de ensino.

METODOLOGIA

Depois de identificados os objetivos, a metodologia de nosso trabalho fundamentada em uma revisão bibliográfica baseada em leituras e fichamentos, onde os teóricos utilizados são Freire (2005) e Antunes (2003) que trazem reflexões que irão contribuir para a justificação de nossa pesquisa. Com este trabalho pretendemos diferenciar as formas de ensino comprovando através de teorias a produtividade do ensino de Língua Portuguesa.

2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO TRADICIONAL

De modo geral, o ensino praticado na maioria das salas de aula se distancia do que seria um ensino produtivo, pelo fato de não ser associado ao contexto da realidade que o aluno está inserido, tornando as aulas meras reproduções de algo que já está pronto. Nessa concepção, o professor atua como um agente que leva esses conteúdos e os alunos como os depósitos aparentemente vazios. Sobre essa temática Freire (2005, p. 65) afirma que: “Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado alheio a experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação.” Sendo assim a maior preocupação deste docente é garantir que o ensino esta sendo armazenado exatamente como vem sendo reproduzido, sem alteração alguma e sem nenhum tipo de associação com a realidade contextual do aluno.

A falta de interação do conteúdo ensinado com o meio é prejudicial para o desenvolvimento de um aprendizado produtivo por parte dos educandos, tendo em vista que o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sujeito irá simplesmente armazenar o conteúdo quando o mais produtivo seria internalizar, para assim associá-lo a algo já previamente conhecido.

Desse modo o educador é visto como aquele que tem para si a autonomia do saber, que “conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado.” (FREIRE, 2005, p. 66) A narrativa metódica deve ser repetida pelos seus alunos sem nenhuma alteração, essa é a forma com o qual é avaliado o desempenho tanto do aluno como do professor. Quanto mais mecânico o aluno se mostrar mais produtivo ele será na visão do educador tradicional, ou seja, ele é visto como um ser que só produz com a intervenção de outro e não tem a capacidade de desenvolver algo novo, só de perpetuar o que já foi premeditado.

Para este tipo de educador o aluno não traz consigo nada que possa ser aproveitado, a sua única função é decorar, reproduzir e armazenar. Um bom educador tradicional é aquele que consegue transferir o máximo possível de conteúdos compartimentados e o educando conseqüentemente se torna o que tenta armazenar tudo o que seu educador transfere. Sobre isso Freire (2005, p. 66) diz que:

A narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores os educandos serão.

A ação de ensinar se torna algo que não provoca em ambas as partes (educador e educando) nada além do que já é previsto, algo que não incentiva e não instiga a ir além do que é mostrado no contexto da sala de aula. “Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de educação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guarda-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam.” (FREIRE, 2005, p. 66). Ou seja, nesta prática de ensino se deposita nos alunos aparentemente vazios os variados conteúdos que ficam guardados, sem nenhuma expectativa de uso ou de produção de algo inovador.

O educador tradicional não abre mão de seus ideais tradicionalistas, pois para ele o aprender e o decorar estão interligados. Nesse contexto ele se torna intolerante e inflexível em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

relação a uma inovação em sua maneira de ensinar, produzindo nos alunos um certo temor fazendo com que o conhecimento trazido seja minimizado e esquecido. Sendo assim “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.” (FREIRE, 2005, p. 67).

Essa maneira de ensino não dá vez para o aluno, a sua única opção é reconhecer e aceitar-se como aquele que nada sabe que está ali para receber algo novo que nunca foi visto por ele. Por causa do discurso do educador o aluno se encontra e se vê nesta posição de receptor do saber e vê o seu educador como esse “ser supremo” que tudo sabe. O aluno não se vê capaz de criar ou de inovar algo, pois o seu educador não lhe dá vez ou voz.

Na visão “bancária”, como denomina Freire (2005), o ser humano tem que se adequar ao conteúdo transferido, ele precisa encontrar formas de absorver algo da maneira como lhe está sendo repassado. O receptor não pode ter a opção de encontrar em si a melhor forma de guardar um ensinamento. Segundo Freire (2005, p. 68):

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.

Desse modo podemos afirmar que não existe um processo de aprendizado e de descobertas, mas um processo de adaptação há algo que já está pronto, onde o sujeito não encontra espaço para internalizar o que está recebendo e não desenvolve a sua criticidade, pois ele é obrigado a não ultrapassar o ato de só decorar. E assim quanto mais o educador só deposita os conteúdos, mais os alunos se acostumam com essa prática se tornando seres passivos no convívio de seu meio social esquecendo que podem ser agentes de transformação do meio e de si mesmo e “em lugar de transformar, tendem adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.” (FREIRE 2005, p. 68), isto é, só são incentivados a conservar os seus pensamentos em seus próprios depósitos para não incentivar a transformação e sim a adaptação.

A educação tem o poder de transformação tanto do indivíduo como do meio inserido, porém se não há alguém que a desenvolva para esta função ela não passará de mais um ramo social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mas é preciso saber que “nos próprios ‘depósitos’ se encontram as contradições [...] E que cedo ou tarde, os próprios ‘depósitos’ podem provocar um confronto com a realidade em devenir e despertar os educandos, até então passivos, contra a sua ‘domesticação’.” (FREIRE 2005, p. 70). Sendo assim a educação em algum momento irá provocar alguma mudança, pois mesmo que seja executada da maneira mais simples e objetiva possível cada parte do contexto educacional reagirá de maneira diferente.

3 O USO DO TEXTO NA FACILITAÇÃO DO ENSINO PRODUTIVO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de Língua Portuguesa hoje é visto como um grande desafio, pois a maioria dos alunos a considera chata e sem necessidade de uso em seu contexto diário e na maioria das vezes a maneira programada de como tal matéria é ensinada, influencia para que cada vez mais esse ponto de vista se concretize. No decorrer desta discursão iremos discorrer e propor novos pontos de vista em relação ao ensino de Língua Portuguesa que quando praticados resultarão em uma melhor produtividade em sala de aula.

Para que haja um bom desempenho no decorrer do ensino, não só de Língua Portuguesa, mas de qualquer outra matéria é preciso que haja uma atividade conjunta de vários fatores “a escola não deve ter outra pretensão senão chegar aos *usos sociais da língua*, na forma em que ela acontece no dia-a-dia das pessoas” (ANTUNES 2003, p. 108-109). Ou seja, o ensino da Língua precisa ser associado com o contexto em que os alunos e a escola estão inseridos, para que haja esta associação entre o que é vivido e o que está sendo aprendido, aproximando o aprendizado com a realidade, dessa maneira o sujeito poderá usar o seu conhecimento contextual com o que lhe será acrescentado na sala de aula.

Existem vários artifícios que podem ser utilizados para que os conteúdos sejam passados para os alunos para que sejam recebidos de maneira produtiva, uma delas é o uso do texto, mas muitos o fazem de maneira tradicional sem mesmo perceber como, por exemplo, “em vez de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

‘inventar frases’ onde apareçam os pronomes, nós os ‘retiramos’ de textos” (ANTUNES 2003, p. 109), quando uma atividade incentiva a criação de algo que põe em prática o conteúdo ela se torna muito mais produtiva, pois “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente,”(FREIRE 2005, p. 67) ou seja, no momento em que o educando é incentivado a criar algo, por mais simples que seja, ele estará exercitando e desenvolvendo a sua própria forma de pensar.

O uso do texto é muito produtivo quando bem utilizado, além de ser uma maneira simples e fácil para o professor. O que vai ser relevante é o sentido que as palavras trazem e não só a função que elas têm. Antunes (2005, p. 110) afirma que:

o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência enfim. Nessa perspectiva é que se pode perceber como não tem tanta importância assim saber os nomes das funções sintáticas das palavras,

Sendo assim no momento em que o texto é utilizado como uma atividade em sala de aula, deve se atentar ao significado das palavras e o que elas expressam, dessa maneira posteriormente ficará muito mais fácil entender qual o significado e o sentido de um conteúdo mais complexo, como por exemplo, as classes gramaticais.

A produção textual também é de muita importância no ensino produtivo, mas não o texto que inibe o educando com inúmeras regras e limitações, a intenção do professor deve ser incentivar o seus alunos a associar o seu meio social com o conteúdo de sala de aula, ou seja, incentiva-lo a escrever sobre o que ele conhece. “Assim, é nas questões de produção e compreensão de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua.” (ANTUNES 2003, p.111). É no ato de produzir que o aluno se conhece e onde o professor terá a oportunidade de conhecer e interagir com seu aluno.

Com o uso do texto em sala de aula a ordem como ele é aplicado também precisa ser alterada, ele pode ser apresentado aos alunos para que eles tenham o primeiro contado, onde vai se descobrindo qual é a primeira impressão do aluno para com o texto, “primeiro se estuda, se analisa,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

se tenta compreender o texto” (ANTUNES 2003, p.110), assim o aluno é incentivado a descobrir o texto e desenvolver a sua criticidade.

CONCLUSÕES

Neste trabalho tivemos o objetivo de expor as diferentes formas do ensino de Língua Portuguesa, a tradicional e a produtiva, como ele é praticado e como ele pode melhorar, para um bom desempenho dos alunos em sala de aula e fora dela.

Fizemos pesquisa bibliográfica baseada em teóricos que nos ajudaram a compreender melhor a maneira de como o ensino tradicional é aplicado e vimos que os seus resultados não resultam em um aprendizado significativo para aqueles que são vítimas dessa educação, pois não há uma interação produtiva entre o conteúdo apresentado em sala de aula, o que o aluno trás consigo e o que ele pode aprender fora das paredes da sala de aula. O aluno não tem a oportunidade de interação de seu contexto com o que ele pode aprender em sala de aula.

Na forma produtiva de ensinar com a aplicação de textos, é possível associar o conhecimento do aluno, o contexto em que a escola esta inserida e onde o aluno estará quando sair dela. Com essa interação é possível que o aluno se torne um cidadão que transforma o seu meio social, expressando as suas ideias e os seus ideais, podendo entender que o que se aprende numa aula de Língua Portuguesa é aquilo que ele usa e fala em seu uso diário. Nessa forma de ensino o aluno é incentivado a desenvolver sua criticidade reconhecendo que é possível entender o sentido que as palavras têm e com isso é possível incentiva-lo a exercitar a sua própria maneira de pensar, considerando que isso também refletirá em qualquer meio que ele conviver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003